



A ECOLALIA NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA COMO DISFUNÇÃO COMUNICATIVA QUE URGE MÉTODOS PRECOSES DE INTERVENÇÃO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA¹

Leonardo Dias Schreiber², Vanessa Deuschle-Araújo³

¹ Revisão sistemática de literatura científica desenvolvida na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ).

² Estudante do curso de Fonoaudiologia, da UNIJUÍ. E-mail: leonardo.schreiber@unijui.edu.br.

³ Coordenadora e professora do curso de Fonoaudiologia, da UNIJUÍ. E-mail: vanessa.araujo@unijui.edu.br.

RESUMO

Introdução: Dentre as características do Transtorno do Espectro Autista (TEA), destaca-se a ecolalia, um distúrbio da comunicação humana, caracterizado pela repetição de palavras, sendo o Fonoaudiólogo, um dos principais responsáveis para intervir nesse cenário. **Objetivo:** Compreender os métodos utilizados para a intervenção em casos de crianças diagnosticadas com TEA, que apresentam como um dos principais sintomas, a ecolalia, e destacar a importância da atuação fonoaudiológica nesses casos. **Método:** Elaborou-se uma revisão sistemática da literatura científica por meio de bancos de dados. **Resultado:** Destaca-se a importância da intervenção precoce nos casos de ecolalia em crianças com TEA, a fim de serem desenvolvidas habilidades comunicativas e o enriquecimento do vocabulário. **Conclusão:** A intervenção de profissionais, sobretudo, do Fonoaudiólogo, é extremamente importante para o desenvolvimento da comunicação e a diminuição da fala ecolálica em crianças com TEA, sendo que a Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) é um dos métodos com maior eficácia interventiva.

INTRODUÇÃO

A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, 2025) define o Transtorno do Espectro Autista (TEA) como “*uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem*”. Ademais, esse transtorno possui seu início na infância, persistindo na adolescência e na vida adulta, em que os níveis intelectuais de indivíduos com TEA são díspares, o que significa uma variação em cada caso.

Este transtorno afeta de forma direta, o neurodesenvolvimento, sendo que os principais sintomas se fazem presentes nos primeiros anos de vida, na grande maioria dos casos, destacando-se os distúrbios na comunicação e as restrições na interação em sociedade (Oro *et*



al., 2012). Desse modo, segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2019), em um grande percentual de indivíduos, os primeiros sintomas só são identificados entre os 12 e 24 meses de idade, sendo que antes disso, muitas crianças que, posteriormente, são diagnosticadas com TEA, apresentam os mesmos comportamentos que outras crianças.

Nesse contexto, ao ponto em que as disfunções comunicativas apresentam-se como um dos principais sintomas, crianças com Transtorno do Espectro Autista podem ser acometidas pela ecolalia, a qual é um distúrbio da comunicação humana, em que há a persistência da repetição da fala de outras pessoas. A ecolalia pode ser considerada imediata (criança repete algo que escutou recentemente) ou tardia (indivíduo repete algo que escutou há algum tempo, como frases de filmes, músicas, ditados populares). Ressalta-se, no entanto, que a ecolalia é uma disfunção que está presente no processo de aquisição da fala de crianças na primeira infância, em que é natural a repetição de palavras que outras pessoas reproduzem, para o desenvolvimento da linguagem. Logo, nem todas as crianças que apresentam estes sinais, futuramente serão diagnosticadas com o transtorno (Santos, 2023).

Sob esse viés, Toledo (2021, p. 14) afirma sobre o Fonoaudiólogo que *“a sua atuação é direcionada para a comunicação, uma das principais áreas prejudicadas no transtorno do espectro do autismo”*. Diante desse cenário, faz-se necessário destacar a importância da intervenção precoce em sujeitos ecolálicos diagnosticados com TEA, por meio da atuação de profissionais como o Fonoaudiólogo, o qual é responsável em atuar nestes casos, com a utilização de métodos e ferramentas que auxiliem esses pacientes, no que diz respeito à linguagem e às formas de comunicação efetivas (Magalhães, 2021).

Sob a perspectiva relatada em relação aos temas abordados, este trabalho objetiva, por meio de uma revisão sistemática de literatura, compreender os métodos utilizados para a intervenção em casos de crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), que apresentam como um dos principais sintomas, a ecolalia - distúrbio da comunicação humana. Além do exposto, destacar a importância da atuação fonoaudiológica nesses casos, visto que o Fonoaudiólogo é o profissional legalmente habilitado por aplicar métodos interventivos em pacientes que apresentam transtornos comunicativos, de acordo com o exposto na Lei Nº 6965, de 09 de Dezembro de 1981.



METODOLOGIA

Este presente estudo trata-se de uma revisão sistemática da literatura científica sobre a ecolalia em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, e as formas de intervenção por intermédio do Fonoaudiólogo, nesses casos.

Dessa forma, para a elaboração deste trabalho, foi realizada uma pesquisa em bases de dados científicas, sendo utilizadas a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), a United State National Library of Medicine (PubMed) e a Scientific Electronic Library Online (SciELO). Para a busca dos artigos científicos, foram utilizados Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), sendo eles “Transtorno do Espectro Autista, AND Ecolalia”, “Autism Spectrum Disorder, AND Echolalia” e “Fonoaudiologia, AND Ecolalia”. Por outro lado, para a metodologia da seleção das produções a serem analisadas, utilizou-se o método *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Metaanalyses* (PRISMA).

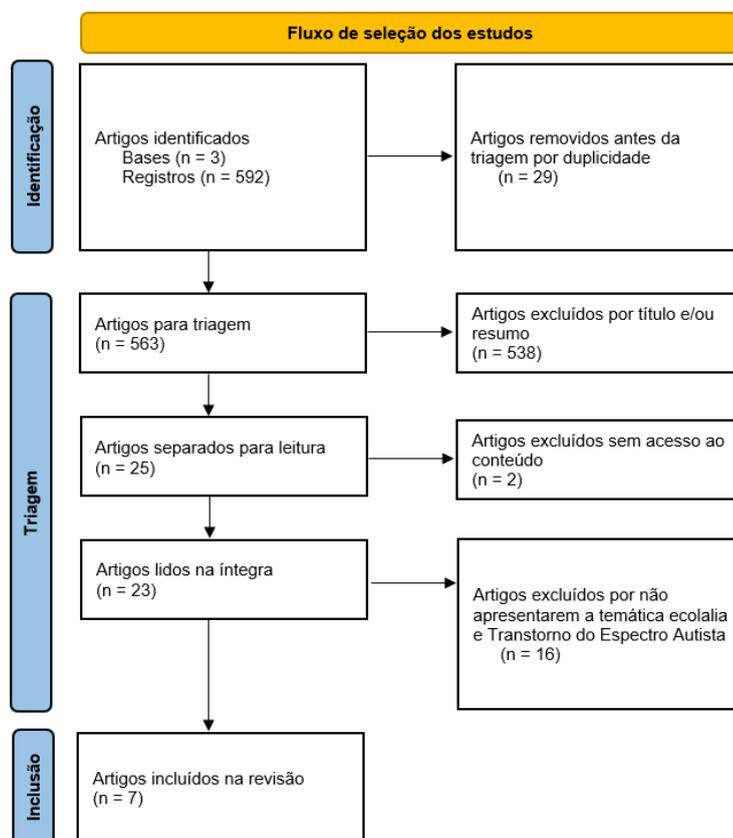
A pesquisa por meio das bases de dados supracitadas foi realizada no mês de Janeiro de 2025, não restringindo-se a um delimitado período temporal. Nesse sentido, foram selecionados 16 artigos da base de dados da SciELO, 50 da base de dados da BVS e 529 da base de dados da PubMed, resultando-se em 592 artigos identificados. Destes, 29 foram excluídos por conta da duplicidade, restando 563 artigos para a fase da triagem.

Ao realizar a triagem dos 563 artigos restantes, foram excluídos 538 entre os selecionados, por conta do título e/ou resumo, os quais não eram condizentes com o tema a ser abordado neste trabalho. Assim, restaram-se apenas 25 artigos para a leitura, dos quais, 2 foram excluídos pela falta de acesso ao conteúdo. Logo, apenas 23 pesquisas foram lidas na íntegra.

Após a leitura dos 23 artigos analisados, 16 desses foram excluídos por não apresentarem a temática, de forma específica, a ser revisada nesta produção. Diante disso, 7 foram incluídos na amostra final da revisão sistemática de literatura, conforme ilustrado na Figura 1, de acordo com o método PRISMA.



Figura 1: Fluxograma de seleção dos estudos conforme o método PRISMA.



Fonte: Schreiber, 2025.

Posterior à seleção das publicações dispostas nas bases de dados, foram extraídas informações para a elaboração do quadro contendo a amostra final da pesquisa, sendo: autores, ano de publicação, título, metodologia e resultados.

RESULTADOS

A partir da utilização do método PRISMA, a pesquisa realizada teve como resultados, as informações sintetizadas no Quadro 1.



Quadro 1: Amostra final segundo autores, ano de publicação, título, metodologia e resultados.

Autores	Ano de publicação	Título	Metodologia	Resultados
Saad, AGF, Goldfeld, M.	2009	A ecolalia no desenvolvimento da linguagem de pessoas autistas: uma revisão bibliográfica	Revisão bibliográfica	Observa-se a importância do Fonoaudiólogo em intervir para uma comunicação global da pessoa autista em todos os contextos em que está inserida.
Carvalho, GMM, Melo, MFV.	2018	Ecolalia e música: a linguagem no autismo	Estudo de Caso	Destaca-se que, por meio da música, crianças ecolálicas com TEA, poderiam ser favorecidas com o retorno da musicalidade da voz materna, propiciando resultados positivos nestes casos.
Pereira, ET, <i>et al.</i>	2020	Comunicação alternativa e aumentativa no transtorno do espectro do autismo: impactos na comunicação	Estudo de caso	É possível observar que a utilização da Comunicação Aumentativa e Alternativa, por parte do Fonoaudiólogo, contém resultados promissores e de extrema eficiência para o desenvolvimento das habilidades de comunicação do indivíduo com TEA.
Bastos, JC, Neto, JVA, Breve, PPS.	2020	Intervenção fonoaudiológica precoce no desenvolvimento	Pesquisa qualitativa	Observa-se que a intervenção precoce por intermédio do Fonoaudiólogo



		da linguagem no Transtorno do Espectro Autista: percepção dos pais		apresentou resultados positivos. Com a terapia de linguagem, crianças autistas passaram a utilizar a comunicação verbal com maior frequência.
Cohn, EG, Harrison, MJ, McVilly, KR.	2023	“Deixe-me dizer, vejo a ecolalia como parte da identidade do meu filho”: Explorando a ecolalia como uma expressão da neurodiversidade de uma perspectiva parental	Pesquisa de Campo	Observa-se o olhar de alguns pais de crianças com TEA, os quais indagam sobre a necessidade de intervenção nos casos de ecolalia. Ou seja, na visão paternal, a ecolalia faz parte da identidade dos seus filhos.
Santos, RD, Carvalho, MIC, Filha, SSSC, Filho, IMM.	2023	O que é a ecolalia para o autismo segundo a literatura?	Revisão integrativa	Destaca-se necessária a utilização de abordagens terapêuticas que compreendam as necessidades individuais de cada paciente e o tipo de ecolalia em questão.
Blackburn, C, <i>et al.</i>	2023	Uma revisão sistemática de intervenções para ecolalia em crianças autistas	Revisão sistemática	Há uma implicância no que diz respeito à limitação de resultados para a elaboração de uma forma interventiva que vise reduzir a ecolalia. Contudo, cabe ao Fonoaudiólogo, investigar e



				reconhecer qualquer função comunicativa desse distúrbio, para desenvolver resultados eficientes.
--	--	--	--	--

Fonte: Schreiber, 2025.

DISCUSSÃO

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, em sua quinta edição, revisão de texto (DSM-5-TR, 2021), define o Transtorno do Espectro Autista, como um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado pela presença de “*déficits persistentes na comunicação social e na interação social entre múltiplos contextos*”, bem como por “*padrões restritos e repetitivos de comportamento*”.

Sob essa perspectiva, entre as dificuldades de comunicação associadas aos comportamentos repetitivos dos indivíduos com TEA, cita-se a ecolalia, a qual é um distúrbio comunicativo, que consiste na repetição da fala de outras pessoas (Mergl, 2015). Para o DSM-5-TR (2021), a ecolalia é definida como o atraso ou a repetição imediata das palavras ouvidas, sendo esta, um dos comportamentos restritos e repetitivos do transtorno. Logo, a ecolalia em indivíduos com TEA, é um distúrbio comunicativo que urge métodos de intervenção precoces.

Em primeiro plano, destaca-se que, além do processo de aquisição da linguagem tradicional, o qual foi percorrido neste estudo, pesquisadores relatam sobre o Padrão Gestalt. Nessa perspectiva, Prizant (1982), relata que, com o processamento gestalt, as crianças sem o diagnóstico de TEA, produzem enunciados memorizados, os quais são descritos como essenciais para o desenvolvimento cognitivo e comunicativo desses sujeitos. Além do mais, em crianças atípicas, a presença de uma linguagem repleta de ecolalia, seja imediata ou tardia, também pode ser entendida como uma manifestação do Processamento Gestalt. Logo, a presença da ecolalia, por meio do viés gestáltico, é vista como uma autorregulação comportamental, ou seja, uma forma do indivíduo expressar suas intenções, para fins de comunicação. No entanto, hodiernamente, não existem estudos randomizados sobre essa temática, sendo um tópico com baixo número de artigos publicados.



Para Saad (2009), a ecolalia pode estar acompanhada com a intenção de se comunicar, ou não, fato que depende da contextualização em que a fala ocorre. Em sua produção, a autora discorre sobre uma pesquisa realizada com crianças autistas, em que as mesmas eram questionadas com perguntas que possuíam como resposta “sim” ou “não”. Todavia, a grande maioria dos entrevistados, respondiam com a repetição da fala do entrevistador, fator característico da ecolalia. Não obstante, a intenção da fala ecolálica deve ser levada em consideração, assim como o contexto em que foi inserida, para que a intervenção a ser realizada em cada caso, possa ser iniciada. Desse modo, conclui-se alegando a extrema importância do Fonoaudiólogo em equipes multiprofissionais para o atendimento de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, para que possa intervir nesse distúrbio da comunicação humana, permitindo que ocorra, por parte dos sujeitos em questão, uma comunicação mais efetiva no cenário em que estão inseridos.

Em sua escrita, Carvalho (2018) aborda o caso de um paciente autista ecolálico, com fragmentos de uma terapia, na qual foram utilizadas expressões pertencentes a canções. Nas sessões, foi possível observar a repetição de termos utilizados pela profissional, por parte da criança. Contudo, nesse contexto, a utilização da musicalidade para a realização de terapias em grupo, foi de extrema eficácia, ao ponto em que expressões utilizadas, sofreram diversas transformações por parte da fala da criança. Ou seja, a semelhança silábica, a qual aproxima a sonoridade das palavras, constrói uma linguagem musical para esses indivíduos. Portanto, a fala da terapeuta, contendo termos que compõem canções, faz-se necessária para uma comunicação mais abrangente dos pacientes em estudo, tendo em vista que ao invés de, apenas repetirem as mesmas palavras, aproximam-se de outras com sonoridades semelhantes.

De acordo com Pereira (2020), a utilização da Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) apresenta índices de eficiência para a intervenção a ser utilizada em crianças autistas com disfunções na comunicação, a exemplo da ecolalia. Por meio de uma pesquisa quantitativa, com três sujeitos, foi possível observar que a utilização da CAA permitiu às crianças, a interação e a construção de frases com um maior número de palavras. Discute-se, ainda, que a implementação das pranchas de comunicação, permitiram o aumento do vocabulário dessas crianças, não restringindo-se única e exclusivamente à repetição de



palavras e expressões faladas por outras pessoas. Logo, a intervenção por meio da Comunicação Aumentativa e Alternativa na terapia fonoaudiológica, fez-se de excelência nos três casos abordados no artigo de Pereira. Conquanto, é válido ressaltar que a eficiência desse método interventivo pode variar de acordo com os níveis de suporte para o TEA de cada sujeito, os quais são mencionados no Quadro 2.

Quadro 2 - Níveis de suporte para o TEA e suas principais características

Nível de Suporte para o TEA	Características
Nível 1 de suporte	Dificuldades em iniciar interações sociais, fazer e manter amizades; inflexibilidade no comportamento; respostas atípicas.
Nível 2 de suporte	Déficits acentuados na comunicação verbal e não verbal; inflexibilidade no comportamento; comportamentos repetitivos e restritos; estresse e dificuldades de mudar de foco; evitam contato visual.
Nível 3 de suporte	Déficits severos na comunicação verbal e não verbal; interações sociais limitadas; inflexibilidade no comportamento; dificuldade em lidar com mudanças; comportamentos restritos e repetitivos, tendo muitos movimentos com balanços; estresse e dificuldades de mudar de foco.

Fonte: Organização Mundial da Saúde, 2022

Bastos (2020), em seu artigo, relata sobre uma pesquisa realizada com crianças autistas e seus pais, abordando sobre a importância da intervenção fonoaudiológica precoce no desenvolvimento da linguagem desses indivíduos. Na percepção dos pais, a atuação do Fonoaudiólogo junto aos seus filhos, teve efeitos positivos, ao ponto em que se tornou perceptível o desenvolvimento da comunicação tanto verbal quanto não verbal das crianças. Além disso, a compreensão, o comportamento e a interação das mesmas, também obtiveram resultados de excelência. Outrossim, a intervenção fonoaudiológica em conjunto a crianças



com TEA, permite estabelecer uma comunicação funcional, bem como a melhora de diversos aspectos, como a habilidade de interagir com outras crianças e adultos.

Por outro lado, no estudo de Cohn (2023), os pais de crianças com ecolalia resistem aos métodos de intervenção, posto que enxergam essa disfunção comunicativa como parte da identidade dos seus filhos. Logo, para além da perspectiva clínica, em que métodos interventivos para a ecolalia são postos em primeiro plano, a visão relatada pela autora, assume que a ecolalia pode estar relacionada com uma grande quantidade de funções, características linguísticas e formas de manifestar-se diferentes, o que são característicos da identidade dessas pessoas. Ou seja, a visão parental, nessa situação relatada, corrobora a aceitação da neurodiversidade, dado que reiteram a ecolalia como parte da identidade dos seus filhos, sendo um fenômeno multifacetado e composto por uma ampla complexidade, as quais são vivenciadas rotineiramente pela figura dos pais.

Nesse sentido, em complemento à visão discorrida por Cohn (2023), a qual relata sobre a importância da inclusão da neurodiversidade, Demeterko (2021), em seu artigo que aborda a compreensão gestáltica sobre o autismo, discorre que, conforme a orientação gestáltica, as características do ser são singulares, o que contribui no processo de inclusão do indivíduo com TEA nos mais diversos momentos situacionais. Logo, é indubitável que a relação entre o profissional e a criança autista não seja restrita às características do transtorno que são dispostas pelo DSM-5-TR, sendo de extrema importância considerar cada particularidade desses indivíduos.

No artigo de Santos (2023), a autora destaca a fala ecolálica como sendo dividida em três tipos, sendo elas imediata, tardia e mitigada, as quais são descritas no Quadro 3. Nesse viés, a ecolalia imediata é aquela em que a criança repete a fala do locutor alguns segundos após ouvi-la, enquanto a ecolalia tardia caracteriza-se pela repetição da fala do locutor, em momentos posteriores, como horas ou dias após a escuta. Por outro lado, a ecolalia mitigada, uma outra forma de classificação desse distúrbio comunicativo, faz-se presente na comunicação quando há a modificação da estrutura e das palavras que compõem a fala do locutor. Conquanto, para o autista, ainda que o eco esteja modificado, a intenção comunicativa não possui alterações.



Quadro 3 - Tipos de ecolalia e suas principais características.

Tipos de Ecolalia	Características
Ecolalia Imediata	Repete-se a fala ouvida imediatamente ou até segundos depois da fala do locutor.
Ecolalia Tardia	Repete-se a fala ouvida após dois turnos comunicativos, em horas e até dias depois.
Ecolalia Mitigada	Repete-se a fala do locutor da mesma forma que ouviu, embora não seja exatamente igual, mas para o ecolálico, o sentido de comunicação não muda.

Fonte: Santos, 2023.

Santos (2023) afirma que, no que diz respeito à intervenção para a fala ecolálica em crianças com TEA, cabe ao Fonoaudiólogo e aos demais profissionais, levarem em consideração a singularidade de cada caso. Assim, a atenção deve ser direcionada, em maior abrangência, aos pacientes em que a ecolalia afeta de maneira negativa as suas rotinas, influenciando de forma significativa, a comunicação expressiva e receptiva. Ou seja, as abordagens a serem utilizadas com cada indivíduo, devem ser planejadas de acordo com as suas necessidades individuais, em que devem ser formuladas com base no contexto em que o paciente está inserido, para que possa ocorrer uma promoção da melhora na qualidade de vida e na comunicação desses sujeitos.

Por fim, Blackburn (2023) descreve três métodos de intervenção para a ecolalia em crianças com TEA: comportamentais, tecnológicas e farmacológicas. Para as intervenções comportamentais, técnicas envolvendo atividades práticas são desenvolvidas, em que a cada fala ecolálica proveniente do comportamento do indivíduo, a dinâmica seria reiniciada. Sendo assim, por meio desse método, pôde-se perceber que houve um decréscimo no número de repetições de palavras e frases por parte das crianças. Na intervenção tecnológica, softwares foram utilizados, os quais simulavam atividades de rotina, com questionamentos que deveriam ser respondidos. Nesse método, houve uma redução da ecolalia tardia, mas não em



todos os cenários da ecolalia imediata. Já no que se refere à intervenção farmacológica, a aplicação de medicamentos não resultou na redução da ecolalia, na grande maioria dos casos.

Após o exposto, entre os 7 artigos selecionados para compor a amostra final, 86% destes, o que equivale ao total de 6 publicações, enfatizaram a necessidade da intervenção da ecolalia quanto à disfunção comunicativa em sujeitos com TEA, sendo que apenas 1, abordou a visão parental, em que a ecolalia é vista como identidade dos seus filhos, sendo divergente às práticas interventivas.

CONCLUSÕES

Posterior à revisão sistemática da literatura, torna-se imprescindível destacar a urgência da intervenção fonoaudiológica precoce, nos casos de ecolalia em sujeitos com Transtorno do Espectro Autista. Isto posto, essa é uma problemática que urge solução, para que esses sujeitos possam desenvolver uma comunicação mais efetiva e, assim, consequentemente, serem inseridos nos mais diversos cenários e contextos de suas rotinas.

De acordo com o supracitado, as formas de intervenção são extremamente variáveis, sendo que a grande maioria dos autores destaca métodos diferentes a serem utilizados com os pacientes, em questão. Destaca-se, todavia, a Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA), a qual permite aos indivíduos, a possibilidade de se comunicarem por meios alternativos, com a utilização de símbolos, figuras, números e diversos outros elementos gráficos, normalmente dispostos em pranchas de comunicação. Sob essa ótica, há o desenvolvimento e a aquisição de um vocabulário mais rico, o que permite a formulação de frases mais elaboradas e momentos comunicativos mais assertivos.

Além desta, citam-se a abordagem terapêutica por meio da música em sessões de fonoterapia, bem como as intervenções comportamentais e tecnológicas, as quais, de acordo com a literatura, apresentam resultados com altos índices de excelência e eficácia, como métodos a serem trabalhados em casos de ecolalia em crianças com Transtorno do Espectro Autista.

Não obstante, é papel do Fonoaudiólogo, intervir nos distúrbios da comunicação humana, para que a socialização e a interação social possam ser desenvolvidas, em conjunto ao



enriquecimento vocabular, o qual é um elemento de vasta significância para a diminuição da fala ecológica, ou seja, a redução da repetição de palavras. Isto posto, com resultados positivos, provenientes de intervenções fonoaudiológicas, crianças ecológicas com TEA poderão comunicar-se com a utilização de um amplo repertório de palavras, formulando frases e adquirindo novas habilidades no que diz respeito à comunicação verbal e não verbal.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Ecolalia; Fonoaudiologia; Transtorno do Espectro Autista.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association (2021). Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5-TR. 5th text revision. Washington, D.C.: American Psychiatric Publishing.

BASTOS, J.C.; ALVES NETO, J. V.; BREVE, P. P. S. Intervenção fonoaudiológica precoce no desenvolvimento da linguagem no Transtorno do Espectro Autista: percepção dos pais. *Distúrbios da Comunicação, [S. I.]*, v. 32, n. 1, p. 14-15, 2020.

BLACKBURN, C, *et al.*. A systematic review of interventions for echolalia in autistic children. *Int J Lang Commun Disord.* 2023 Nov-Dec;58(6):1977-1993. Epub 2023 Jul 18.

BRASIL. Lei N° 6.965, de 09 de dezembro de 1981. Dispõe sobre a regulamentação da profissão do Fonoaudiólogo, e determina outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1981.



BRASIL. Organização Mundial da Saúde. 2022. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID). Disponível em: <<https://www.who.int/classifications/classification-of-diseases>>.

COHN, EG, HARRISON, MJ, MCVILLY, KR. 'Let me tell you, I see echolalia as being a part of my son's identify': Exploring echolalia as an expression of neurodiversity from a parental perspective. *Autism*. 2024 May; 28(5) : 1245-1257.

DEMETERKO, Andréa Maria Blaskowski, SOMAVILLA, Francisco Carlos. Compreensões gestálticas e gestaltpedagógicas sobre o autismo. *Rev. NUFEN*, Belém, v. 13, n. 1, p. 1-16, abr. 2021.

MAGALHÃES, Maria Helena Pereira. "Transtorno do espectro autista TEA e a inclusão no IFG." (2021).

MERGL, M; AZONI, C. A. S. Tipo de ecolalia em crianças com Transtorno do Espectro Autista. *Revista CEFAC*, v. 17, n. 6, p. 2072-2080, nov. 2015.

MONTEIRO DE CARVALHO, Gloria Maria; VILAR DE MELO, Maria de Fátima. Ecolalia e música: a linguagem no autismo. *Revista do GEL, [S. l.]*, v. 15, n. 1, p. 63-84, 2018.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. Transtorno do espectro autista. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>>. Acesso em: 18. jan. 2025.



ORO, A. Bravo; BRISEÑO, J. Vásquez; GARCÍA, C. A. Cuello; SEPÚLVEDA, R. F. Calderón; VILLALOBOS, A. M. Hernández; SÁNCHEZ, C. Esmer. Manifestaciones iniciales de los trastornos del espectro autista. Experiencia en 393 casos atendidos en un centro neurológico infantil. *Neurología*, [S.L.], v. 27, n. 7, p. 414-420, set. 2012. Elsevier BV.

PEREIRA, E. T. et al.. Comunicação alternativa e aumentativa no transtorno do espectro do autismo: impactos na comunicação. *CoDAS*, v. 32, n. 6, p. e20190167, 2020.

PRIZANT, Barry M. Gestalt language and gestalt processing in autism. *Topics in language disorders*. V. 3, n.1, p. 16-23, 1982.

SAAD, A.G. de F.; GOLDFELD, M. A ecolalia no desenvolvimento da linguagem de pessoas autistas: uma revisão bibliográfica. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, v. 21, n. 3, p. 255-260, jul. 2009.

SANTOS, Rosânia Delfino dos, CARVALHO, Mariana Islene Caetano de, FILHA, Francidalma Soares Sousa Carvalho, FILHO, Iel Marciano de Moraes. (2023). O que é a ecolalia para o autismo segundo a literatura?. *Nursing (São Paulo)*. 26. 9993-9999. 10.36489/nursing.2023v26i305p9993-9999.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). (2019) Manual de Orientação Transtorno do Espectro do Autismo. Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento. n. 5, 2019.

TOLEDO, Giovana. (2021). Como estimular a linguagem da criança com tea: cartilha para pais e cuidadores.